

O SURGIMENTO DO MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

ALINE SANTOS FERREIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campos de Amargosa. Pós-Graduada em História da África, da Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFBR. E-mail: ninesafera@gmail.com

EMANUEL LUÍS ROQUE SOARES

Professor de Filosofia da Educação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa - BA, doutor em Educação(2008) Universidade Federal do Ceará/FACED. Mestre em Educação (2004) Universidade Federal da Bahia/FACED, Especialista em Estética, Semiótica, Cultura e Educação (2001): Universidade Federal da Bahia/FACED. Bacharel em Filosofia (1999): Universidade Católica do Salvador. E-mail: el-soares@uol.com.br.

RESUMO: O presente trabalho traz em sua introdução uma reflexão sobre a verdadeira importância que a raça negra teve na construção étnico-racial, dentro da sociedade brasileira, apresentando uma reflexão a respeito do lugar do negro/a na mesma e dentro do Movimento Negro Unificado. Analisando quais foram os obstáculos enfrentados pelos africanos no decorrer da história brasileira e as suas reais dificuldades dentro e fora do Movimento Negro; na busca do primeiro emprego dentro do mercado de trabalho; quais são os obstáculos de se inserirem em uma universidade e os empecilhos encontrados. Portanto essa análise perpassará a história educacional do negro na sociedade brasileira, fazendo assim uma reflexão sobre a verdadeira importância que eles tiveram e têm na construção educacional desta sociedade, um conceito que foi desenvolvido a partir de uma cultura de reinterpretação nas Américas, partindo das matrizes africanas. Mas a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios(PNAD),do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verificou que ocorreram transformações durante décadas nas instituições de ensino superior sucedendo o aumento de negros nas universidades e conquistando assim melhores cargos no mercado de trabalho; isso desencadeou oportunidades diversificadas com pretensões de mudanças econômicas e sociais, em comparação aos outros setores da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra, Movimento Negro, Lélia Gonzalez.

ABSTRACT: The present work brings in its introduction a reflection on the true importance that the black race had in the ethnic-racial construction, within the Brazilian society, presenting a reflection concerning the place of the Negro/A in the same and within the movement Unified Negro. Analyzing what were the obstacles faced by Africans in the course of Brazilian history and their real difficulties in and out of the black movement; In the search for the first job within the labour market; What are the obstacles to entering a university and the difficulties encountered. So this analysis will go through the educational history of the Negro in the Brazilian society, thus making a reflection on the true importance they had and have in the educational construction of this society, a concept that was developed from a Culture of reinterpretation in the Americas, starting from African matrices. But the national survey of Households (PNAD), the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), verified that transformations occurred for decades in the institutions of higher education succeeding the increase of blacks in universities and Achieving better jobs in the labour market; This triggered diversified opportunities with pretensions of economic and social change, compared to the other sectors of Brazilian society.

KEY WORDS: Black woman, black Movement, Lélia Gonzalez.

INTRODUÇÃO

O Brasil surgiu no cenário mundial como uma colônia de ¹exploração a qual deveria fornecer riquezas para os seus desbravadores, neste caso Portugal. Entretanto, o sistema de povoamento predominante foi realizado pelos portugueses, os quais receberam terras para assim assegurarem e garantirem os interesses de Portugal, enviando para cá os portugueses que eram indesejados em seu país como: ladrões, prostitutas, burocratas e funcionários da

¹ A partir dos século XV os europeus em buscando explorar novas terras “descobriram” as américas e a dividiram produzindo assim dois tipos de categorias nas colônias á de povoamento na América Anglo-saxônica onde era baseada no trabalho familiar livre e no trabalho assalariado, nas pequenas e medias propriedades. Já a América Latina eram colônias de exploração que se caracterizava pela escravização de povos indígenas e africanos, extração abusiva de recursos minerais e vegetais e utilização de extensas propriedades rurais e monocultoras.

coroa, entre outros. Já tínhamos os nativos que aqui foram chamados de índios e temos os negros que foram trazidos da África, utilizados como mão de obra escrava, formando assim a população brasileira.

Por séculos, a sociedade brasileira foi moldada por uma concepção escravocrata, no período colonial, a população negra foi arrancada de seus países e costumes para trabalharem na condição de escravos, sendo estes homens livres de corpos e ²almas em seus países de origem, não só na questão social, mas também na dignidade humana. Os homens ditos civilizados neste caso os portugueses, não tiveram compaixão em se colocar no lugar do outro como o seu semelhante.

OS QUILOMBOS NO BRASIL

Na condição de escravos afrodescendentes, os escravizados iniciaram a luta pelos seus direitos por meio de uma das manifestações mais contundentes, talvez a mais importante, a revolta dos quilombos que demonstrava a resistência à opressão do homem branco no início do século XV. O autor ³Edson Carneiro no livro: O quilombo de Palmares (1958) vem trazendo a trajetória e a organização ao qual era feita no quilombo e a sua importância para a libertação dos escravos. Segundo Kabengele Munanga a se referir ao quilombo brasileiro ele afirma que:

“(...) é sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontra todos os oprimidos.”(apud,1995/6:57-63)

A palavra “quilombo” tem origem na língua mbundu, do tronco linguístico bantu, que significa um ponto de encontro em uma área previamente conhecida, onde se tem um lugar de descanso, pouso, no qual populações nômades, grupos conhecidos ou que tem um grau de parentesco se encontram.

² Porque para os portugueses os negros e indígenas não tinham almas e assim poderiam escraviza-los.

³Edson Carneiro foi um escritor brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros. Sendo um dos maiores etnólogos brasileiros, comprometido com os estudos sobre a cultura afro-brasileira, tendo vários livros publicados como: Religiões Negras(1963),Negros Bantos(1937),O Quilombo dos Palmares(1958),A Cidade do Salgado(1954) entre outros.

No Brasil, o encontro de pessoas nômades era muito frequente entre os negros escravos; eles utilizava esses encontros para exporem a indignação que possuíam por conta da condição em que viviam. Dessa forma, protestavam contra o governo no intuito de melhores condições de vida. Essa era uma das formas de expor suas indignações contra a escravidão, evidenciando que os negros não foram passivos à sua condição de escravo, e que os mesmos fugiam dos engenhos e das fazendas em direção à floresta e sertões onde se formavam os quilombos. Para controlar e capturar esses escravos fujões seus senhores providenciavam as entradas, que eram denominadas de expedições de captura.

Nos quilombos, os negros se sentiam um pouco mais dignos, uma vez que não estavam mais submetidos ao julgo dos senhores de escravos e muito menos dos feitores, lembrando, assim, o cotidiano de seus países de origem, reafirmando sua cultura e o seu estilo de vida africana.

Segundo Moura a *quilombagem* foi a forma de exteriorizar a revolta contra a escravidão:

“Entendemos por *quilombagem* o movimento de rebeldia permanente, organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapouas suas bases em diversos níveis-econômico, social e militar- e influiu poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre.(MOURA,1989:p.22)

Pode-se afirmar que o quilombo foi essencialmente um movimento coletivo de massa, que começou com um pequeno grupo de negros fugidos, essa prática era frequente nesta época: negros fugirem dos seus senhores, isso incentivou e propagou a luta contra o regime ao qual estavam submetidos.

O quilombo foi o primeiro movimento da população negra contra a organização que o Estado estava disposto a oferecer a essas pessoas, já que no período escravocrata o negro era considerado como uma mercadoria. Para Lélia(1988)⁴ na época escravista o negro se manifestava:

(...) nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão

⁴ No artigo “A categoria Politico-Cultural de Amefricanidade”(1988), a autora Lélia vem trazendo uma reflexão sobre a formação histórico-cultural do Brasil onde analisa que a formação brasileira não são exclusividade de povos europeus e branco.

concreta se encontra nos *quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, morronagens e marroonsocieties*, espaiadas pelas mais diferentes paragens de todo continente (apud, larkinNascimento,1981)

A princesa Isabel foi considerada como a redentora por alguns grupos após assinar Lei Áurea; no período após abolição criaram até uma Guarda Negra para a proteção da monarquia como forma de agradecimentos ou doce ilusão, podem ser citados vários exemplos de revoltas confirmando as articulações e as insatisfações dos negros na condição que estavam dentro da sociedade brasileira.

AS LUTAS DOS NEGROS

A Revolta dos Alfaiates (1798) é outro exemplo de movimento nesse sentido, nela os rebeldes queriam a libertação dos escravos em primeiro lugar; a Revolta dos Males (1835) foi caracterizada pela existência de uma conspiração muçulmana que planejavam criar um califados na Bahia e modificar toda a organização social, todas essas resistências feitas pelos negros foram no período da Monarquia, após isto, tivemos a Frente Negra Brasileira (1931) como resistência do povo negro e o último foi A Revolta da ⁵Chibata(1931) caracterizada por uma revolta feita por marinheiros negros e mulatos contra a Marinha Brasileira por utilizarem castigos severos como açoites; visavam persuadir os negros a resistirem às tarefas impostas por seus superiores; essas punições severas eram executadas somente em marinheiros negros; este foi o último ato de rebelião organizada ocorrida no Brasil.

Para Moura(1994):

(...) durante a escravidão o negro transformou não apenas a sua religião, mas todos os padrões das suas culturas em uma cultura de resistência social. Essa cultura de resistência, que aparece se amalgamar no seio da cultura dominante, no entanto desempenhou a escravidão (como desempenha até hoje) um papel de resistência social que muitas vezes escapa aos seus próprios agentes, uma função de resguardo contra a cultura dos opressores. (1994,p.34 e 35)

Posteriormente, o negro começou a dar mais evidência às manifestações culturais, intensificando os seus costumes dentro da sociedade demonstrando como a população negra

⁵Essa revolta deixa claro que mais de duas décadas após a abolição da escravidão, a prática de castigos físicos ainda era comum na Marinha brasileira. Punições típicas do período colonial haviam sido revogadas com a Proclamação da República, em 1889, e reintroduzidas pelo Decreto 328, de abril de 1890. Mas será que esses castigos eram aplicados também em marinheiros brancos? Isto é um questionamento para outro trabalho, mas que deveremos refletir a respeito, já que uma grande parte da tripulação era feita por negros e mulatos.

contribuiu e contribui para a formação da cultura desta sociedade, modificando as suas formas de resistência a partir da religião, da música, dança e comidas. Segundo Moura:

Desde as primeiras lutas sociais no Brasil que o negro, ao delas participar, conseguiu ampliá-las e transformá-las em lutas sócio-raciais. Isto é: colocou um componente novo, abriu o leque de participação e reivindicações da etnia negra, que além de explorada era discriminada racialmente. (Moura, 1994, p.40)

A partir do século XX começaram a surgir os movimentos sociais afro-brasileiros que se evidenciaram dentro do cenário com a criação da primeira imprensa negra voltada para a criação de vários jornais como: O Menelick(1919); A Rua (1916); O Alfinete (1918); A Liberdade (1919); A Sentinela (1920); O Getulino e o Clarim d’Alvorada(1924) entre outras. Para Moura (2007) tratava-se de “uma imprensa altamente setorizada nas suas informações e dirigida a um público específico”.

Assim, começaram a surgir organizações pela luta dos direitos dos negros como A Frente Negra Brasileira (1931) que se deu por meio da formação de um conselho composto por vinte membros e vários associados, conseguindo assim incluir negros na Força Pública de São Paulo, porém o grupo se tornou um partido político que visava à aquisição de mais benefícios. Sendo ceivado a partir do decreto do 6º Estado Novo no Brasil por Getúlio Vargas(1945), o qual decretou que qualquer partido político fosse ilegal e invalidados, fazendo assim com que o partido tivesse pouco tempo de existência.

Impedidos de atuarem popularmente, os movimentos sociais dos negros tiveram que se reunir clandestinamente e com muita cautela para não serem considerados opositores do governo, porém ⁷Abdias do Nascimento criou o Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro em 1944 com o intuito de combater a discriminação racial, e despertar a consciência da sociedade brasileira sobre a importância e as contribuições do povo negro dentro da cultura brasileira.

Segundo Nascimento (1982):

⁶ O livro o Lugar do Negro(1982) da autora Lélia vem trazendo um capítulo, *O golpe de 64, o novo modelo econômico e a população negra*, mostrando como o governo de Getúlio desarticulou os partidos, movimentos e associações durante a ditadura militar no Brasil.

⁷ Foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Considerado um dos maiores expoentes da cultura negra no Brasil e no mundo, fundou entidades pioneiras como o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Foi um idealizador do Memorial Zumbi e do Movimento Negro Unificado (MNU) e atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Frente Negra Brasileira, a Negritude e o Pan-Africanismo.

V Seminário Nacional Corpo e Cultura do CBCE I Seminário Internacional Corpo e Cultura do CBCE IV Seminário Nacional do HCEL I Seminário Internacional do HCEL

“Fundando o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, pretendi organizar um tipo de ação que a um tempo tivesse significação cultural, valor artístico e função social. De início havia a necessidade urgente do resgate da cultura negra e seus valores, violentados, negados, oprimidos e desfigurados. (NASCIMENTO, 1944, p. 11.)

7

Abdias é considerado, portanto, um dos grandes autores e militantes do movimento Negro no Brasil, por se preocupar com a parte social e educacional, e dessa forma buscou fazer reflexões em um jornal que ajudou a editar o ⁸Quilombo (1948), o qual fazia interação com o público para expressar as suas opiniões dando voz aos que sempre foram excluídos.

No início do século XX ocorreu na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o primeiro Congresso Nacional do Negro onde reuniu vários pesquisadores, estudiosos intelectuais tanto brancos como negros para fazerem discussões e debates acerca do lugar do negro e sua posição na sociedade brasileira.

Já em 1975 foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto de Pesquisa e Cultura Negra, cuja organização foi de grande importância para a vida social do negro; sua manutenção devia-se à contribuição de vários sócios para o instituto. Uma das poucas entidades do gênero a ter sede própria, passou a enfrentar problemas financeiros no fim dos anos 1980, tendo de fechar as portas.

Em 1960 a Ditadura Militar no Brasil usou do poder para inviabilizar qualquer manifestação de cunho racial, propagando uma falsa democracia racial, e acusando os militantes de “impatriotas”, “racistas” e “imitadores baratos”, já que estavam querendo lutar por direitos civis que aqui já eram garantidos segundo o governo, imitando assim ativistas estadunidenses. Se a Constituição Brasileira garantisse a inclusão de todas as raças na universidade, não seria necessária a criação das cotas para negros nas universidades. Hasenbalg traz no livro O lugar do Negro:

(...) O perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente. Os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas. (1982,p.98 e 99).

⁸ Um dos diferenciais deste jornal era o espaço aberto para todos que estivessem interessados em debater e acrescentar sobre as questões raciais no Brasil. Uma importante coluna presente neste jornal era a coluna "Democracia Racial", onde o espaço debatia a questão da democracia racial no Brasil, outras colunas importantes eram as colunas, "Arquivo", "Fala Mulher", "Livros", "Cinema", "Musica" entre outras.

Desta forma, faz-se necessário parar e refletir sobre as desvantagens às quais o povo negro sempre esteve em comparação com o branco, como serem retirados de seu país de origem para serem escravos, por exemplo, e terem a sua liberdade tardia no Brasil sem nenhum tipo de política social por parte do governo como inserção dessa população no campo da cidadania entre outros benefícios.

A CRIAÇÃO DO MNU

No Brasil, em 1978 surgiu o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU), a data ficaria conhecida como o Dia Nacional de Luta contra o Racismo, que se deu após a discriminação ocorrida contra quatro jovens negros no Clube de Regatas Tiete dando assim origem ao movimento.

A partir de sua criação, o movimento começou a lutar pelos direitos dos afrodescendentes e criou debates sobre a discriminação racial, que foram refletidos na atitude do Estado em relação ao tema, e culminaram com a criação do primeiro órgão público voltado para o apoio dos movimentos sociais afro-brasileiros: o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, no governo de Franco Montoro. Doravante surge a oportunidade de criminalizar a discriminação racial na Constituição brasileira de 1988; discriminação passa a ser um crime inafiançável e quem o praticasse responderia a processo e poderia ser preso em flagrante.

Desta forma, surgem alguns avanços na luta a favor dos afrodescendentes, pois segundo Sant'ana (1998):

“Parece realmente que o balanço do Movimento- tal como é contabilizado pelos militantes-é o de que a campanha das últimas duas décadas redundou na conquista da legitimidade de se colocar em pauta a questão do negro- sem excessivo risco de serem taxados de “divisionistas” ou de racistas ao contrário, ou ainda de “equivocados”(p.15).

No entanto, ainda existiram muitas conquistas e militâncias, pois desde 1995 os partidos de esquerda no Brasil começaram a se preocupar com a questão racial brasileira,

⁹ Este clube tinha atletas bem sucedidos em 1970, com várias categorias do esporte brasileiro e com campeonatos, mas quatro jovens atletas negros foram barrados e discriminados na entrada deste Clube, fazendo com que esse acontecimento seja o ponto chave para se criar o Movimento Negro Unificado que já estava se articulando em busca de seus direitos, contra vários casos que vinha ocorrendo de discriminação e preconceito contra os negros dentro da sociedade brasileira.

abrindo um espaço de debates sobre a luta racial, e ainda há um longo caminho a ser percorrido para se igualar as oportunidades entre negros e brancos.

PALAVRAS FINAIS

Partindo desse pressuposto é que busca-se analisar através de artigos e livros a trajetória acadêmica e de vida de cidadãos negros, com o objetivo de mostrar as dificuldades enfrentadas por estes afrodescendentes; o legado cultural dos africanos no Brasil onde podemos conhecer e reproduzir esse legado para as futuras gerações.

Desta forma, a luta anti-racista no país é consequência de um período histórico que está na parte simbólica ou não, de diferentes formas de racismo, fazendo com que se possa observar que isso não é uma coisa natural em um país miscigenado.

Isso possibilitou uma nova forma de análise do papel do negro dentro da sociedade brasileira, pensando no quesito do ser negro dentro desse país, porque ser negro no referido país é uma forma diferenciada que não existe em nenhum lugar no mundo, A luta não é só de classe como falam por ai, há uma luta de raça e de gênero; o Movimento Negro Unificado no Brasil conquistou direitos que até então não eram assegurados aos afrodescendentes, ficavam sempre no campo da moral e não eram postos em prática como um direito.

Entende-se que é necessário haver mais pesquisas voltadas para a população negra, sobretudo para o negro/a no Brasil; espera-se que o presente contribua significativamente para o desenvolvimento acadêmico sobre a temática.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Edison, 1912-1972. **O quilombo dos Palmares**/4. ed, fac-similar. -São Paulo: Editora Nacional, 1988.

CLEACAK, Peter. O movimento dos anos 60 e o seu legado cultural e político. In: COBEN, Stanley (org.). **O desenvolvimento da cultura norte-americana**. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

COSTA, Míriam Raquel Ribeiro da. **Discriminação racial na vida social dos adolescentes e jovens afrodescendentes da comunidade quilombola no município do Francisco Badaró-MG**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Políticas Públicas) – Universidade Aberta do Brasil, Uraçuai, julho de 2012. Disponível em:<http://www.amde.ufop.br/tccs/Aracuai/Aracuai%20-%20Miriam%20Raquel%20Ribeiro%20da%20Costa.pdf>

Anais do V Seminário Nacional de Corpo e Cultura do CBCE.
Corpo e Cultura: Desafios da Produção do Conhecimento no Tempo Presente.
30/08 a 01/09 de 2018 – Faculdade de Educação Física da UFBA – Salvador – BA – Brasil.

V Seminário Nacional Corpo e Cultura do CBCE
I Seminário Internacional Corpo e Cultura do CBCE
IV Seminário Nacional do HCEL
I Seminário Internacional do HCEL

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o Poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/UCAM-Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UERJ, 2001.

10

HIME, Darlene Clark (ed.). **Black Women in America: An Historical Encyclopedia**. New York: Carlson Publishing Inc, 1993.

_____. Para das minorias, tudo como dantes... In: **Revista Lua Nova**. Cultura e Política. v.1, n.4, São Paulo: Ed. Brasiliense, jan./mar. 1985.

_____. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. n. 92-93 Rio de Janeiro: Ed. Global, jan./jun. 1988.

_____. Nany. In: **Revista Humanidades**. v. 17, a. IV Brasília: Editora UNB, 1988.

_____. Griot e Guerreiro. (Introdução do livro de poemas *Axés de Sangue e da Esperança*, de Abdias Nascimento). In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa: Resgate da Cultura Afro-Brasileira**, vol. 2, Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1994.

GONZÁLEZ, Lélia e HASENBALD, Carlos A. **Lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZÁLEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Index, 1987.

Ensaio e artigos em jornais:

GONZÁLEZ, Lélia. Mulher Negra. *Jornal Mulherio*. a. 1, n. 3, São Paulo: Mulherio, set/out.1981.

_____. Mulher Negra, essa quilombola. *Folha de São Paulo*. Folhetim, 22/11/1981.

_____. Democracia racial? Nada disso! In: *Jornal Mulherio*, a. 1, n. 4, São Paulo: Mulherio, nov./dez. 1981.

_____. De Palmares às escolas de samba, tamos aí! In: *Jornal Mulherio*, a. 2, n. 5, São Paulo: Mulherio, jan/fev. 1982. 120.

_____. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. In: *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

NASCIMENTO, Abdias. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-97. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (orgs). *Tirando a Máscara*.

Anais do V Seminário Nacional de Corpo e Cultura do CBCE.
Corpo e Cultura: Desafios da Produção do Conhecimento no Tempo Presente.
30/08 a 01/09 de 2018 – Faculdade de Educação Física da UFBA – Salvador – BA – Brasil.

V Seminário Nacional Corpo e Cultura do CBCE
I Seminário Internacional Corpo e Cultura do CBCE
IV Seminário Nacional do HCEL
I Seminário Internacional do HCEL

Ensaio sobre o Racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra/SEF, 2000. NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor. Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NASCIMENTO, Abadias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019.